

A GLOBALIZAÇÃO E O PROCESSO DE EXTINÇÃO DE LÍNGUAS: ESTUDO DE CASO DOS POVOS GUARANI EM ARAQUARI/SC

Modalidade: () Ensino (x) Pesquisa () Extensão

Nível: (x) Médio () Superior () Pós-graduação

Área: () Química () Informática () Ciências Agrárias () Educação (x) Multidisciplinar

Autores : Brenda Miriam Trevisani GONÇALVES¹; Fernanda da Silva MEDEIROS¹, João Antônio de MIRANDA¹; Milena Natália Alves GRIGÓRIO¹; Wambaster Henrique de Moura FELIX¹; Edvanderson Ramalho dos SANTOS².

Identificação autores: ¹ Estudantes do Curso Técnico em Química Integrado ao Ensino Médio; ² Orientador IFC Campus Araquari).

Introdução

A língua é um meio de comunicação indispensável aos grupos humanos, que carrega junto consigo os traços da cultura, mitologia e conhecimento científicos dos mesmos. Devido a diversos fatores - isolamento geográfico, influências culturais, ambientais, etc. - as línguas foram se diversificando, chegando a um total de sete mil línguas existentes hoje no planeta. No entanto, segundo a UNESCO, mais de 3500 destas línguas devem silenciar e serem extintas no decorrer deste século (ROMEIRO, 2015). A morte de uma língua é natural e pode acontecer pela perda de território ou por mudanças forçadas à cultura tradicional. No entanto, o envolvimento dos sistemas socioeconômicos e do atual processo de globalização e expansão do capitalismo está acelerando a extinção de diferentes tipos de línguas em um ritmo assustador.

O desaparecimento destas línguas é problemático na medida em que representa um nivelamento cultural dos povos. Junto com o idioma, desaparecem músicas, ditados e piadas, que dependem das particularidades de cada língua para existir. Também morrem mitologias inteiras, enfraquecidas em povos que muitas vezes dependem da transmissão oral. Só no Brasil, são 216 idiomas falados - e já foram 1300 línguas antes da chegada dos portugueses. (ROMEIRO, 2015).

Com isso, o objetivo da pesquisa é analisar como a globalização está influenciando no processo de transmissão da língua nativa nos povos Guarani na região de Araquari/SC e reconhecer alguns dos problemas causados. A hipótese assumida é que o atual processo de globalização está afetando de modo agudo as aldeias indígenas, colocando em risco a transmissão da língua para as novas gerações.

Material e Métodos

A pesquisa segue uma metodologia qualitativa. A pesquisa qualitativa tem cinco características básicas:

- a) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento;
- b) os dados coletados são

predominantemente descritivos; c) a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; d) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador; e e) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 44)

A presente pesquisa qualitativa assume a forma de estudo de caso. Assim, deve-se ter um cuidado especial com as deduções generalizadoras, pois analisar o efeito da globalização na transmissão da língua nativa dos povos indígenas na cidade de Araquari é um processo singular e único. No entanto, essa abordagem é fundamental para compreendermos a realidade social visando alcançar uma transformação deste quadro problemático.

A pesquisa se dará em três etapas. Na primeira se fez revisão bibliográfica do assunto em livros, documentários e artigos científicos. Na segunda (em andamento), estamos realizando visitas a campo, onde realizamos entrevistas abertas com o povo que habita aquela aldeia. Nas entrevistas buscamos informações de sua situação atual, qual sua dificuldade em suas relações fora da aldeia, se ainda mantem ou não suas culturas e seu idiomas original, e porque na opinião deles, estão perdendo sua cultura. Até o momento fizemos visitas a duas aldeias indígenas, ambas situadas em Araquari. A primeira visita foi na aldeia Pindoty, onde visitamos a escola estadual indígena *Eief Kirikue Nhemboea*. Conversamos com as crianças indígenas na escola, com professores e com efetivamos uma entrevista aberta com a Cacique Cecília. A outra visita se deu na aldeia *Tarumãn Mirin*, localizada um pouco mais ao sul da aldeia *Pindoty* e mais isolada. Nesta última não há água encanada nem energia elétrica.

Finalmente, na terceira etapa elaboraremos questionários para alunos do campus de Araquari, para ver qual representação que eles possuem em relação aos grupos indígenas de Araquari. Com os questionários retiraremos informações se eles têm a percepção que os indígenas vivem integrados e com sua cultura bem preservada ou se eles têm a percepção que os indígenas passaram por transformações culturais e vivem sobre dificuldades materiais. Também nesta etapa efetuaremos pesquisa em sites/blogs e artigos de opiniões para consultar as representações que circulam por estas mídias em relação aos indígenas na região de Araquari/SC.

Resultados e discussão

A partir dos diários de campos e das entrevistas, nota-se diferenças substanciais entre as duas aldeias indígenas pesquisadas até o momento. Em ambas se constata o avanço do processo de globalização (em uma mais fortemente que na outra), afetando de modo direto e indireto as aldeias indígenas e seus costumes.

Na aldeia *Pindoty*, mais próxima ao centro de Araquari e onde localiza-se a escola *Eief Kirikue Nhemboea*, notamos uma aguda influência do processo de globalização nos costumes e cultura dos indígenas. Antenas de TV, computadores, celulares, casas de material e roupas diversas revelam que as

ondas sonoras da globalização fazem da aldeia um nó na rede globalizada (SANTOS, 2006). Entre os meninos indígenas vimos alguns com objetos típicos da moda ocidental globalizada, tais como piercings e estilos de cabelo “globalizados”. No entanto, um dos fatos que levam a maior violação da cultura e costumes indígenas são as idas regulares de um pastor que vai realizar cultos e “alfabetizar” (ou converter/catequizar...) os membros da aldeia (FOTOGRAFIA I). Assim, as crianças aprendem uma religião que não é a dos seus antepassados, não tendo elementos para se proteger e assim preservar um elemento central de sua cultura que é a religiosidade. A cacique disse que permite que ele entre e faça os cultos porque acha importante para as crianças aprenderem e conhecerem mais sobre a igreja, mas falou que não frequenta os cultos.

Na entrevista com a Cacique Cecília, ela nos contou que o nome da aldeia foi dado pelo seu pai e significa “um tipo de madeira”. Também disse que é cacique a cinco anos e também lembrou como a aldeia tinha mais famílias antigamente, porém muitos dos índios migraram para o Rio Grande e São Paulo. Ela também relatou ela falou que “eles têm dificuldade, e que não sobra muita comida”. Observamos que na aldeia havia bastante galinhas, o que torna provável ela ser uma fonte de alimento para eles.

Quanto a escola, observou-se que método de ensino é bem diferente do usual em outras instituições de ensino, pois as crianças não são divididas em ano, elas ficam todas juntas, ou seja, do primeiro ano ao quinto ano e a professora tem que englobar os assuntos e tentar passar apenas o “essencial”, de acordo com o professor presente no dia. De acordo com a Cacique Cecília e os professores da escola indígena, quase todas as crianças tem como língua materna o *Guarani mbya*. Assim, eles aprendem a língua portuguesa apenas na escola para se poderem se comunicar fora da aldeia. Além da língua portuguesa eles aprendem coisas básicas da matemática e da gramática de sua própria língua que é a *Guarani mbya* (uma das professoras relatou que apesar de dominarem bem a língua falada, eles possuem um pouco de dificuldade na gramática da língua). Outro fator interessante é o ritual que eles tem costume na aldeia quando as crianças completam um ano: elas recebem um nome indígena de batismo. Assim, os indígenas passam a ter dois “nomes”: o nome “comum” – que vão usar fora da aldeia – e o nome indígena.

Já a aldeia *Tarumã Mirin* é mais isolada e lá habitam duas famílias indígenas. Sua estrada de acesso é bastante precária e intransitável após dias de chuvas. As casas da aldeia são feitas de madeira e palha. Possuem plantações para consumo próprio e caçam para obter seu alimento como por exemplo por tatu e pássaros. Lá não há água encanada nem energia elétrica. No entanto isso não é motivo de preocupação para o indígena o irmão de Cecília, Mariano, pois de acordo com ele “adora este estilo mais calmo e integrado a natureza mantendo costumes dos antepassados”. Como o atual cacique da aldeia está com câncer e bastante doente, ele está indicando Mariano para ser o novo Cacique. Vale relatar que Mariano demonstra conhecimento da história e cultura

guarani, falando com muito orgulho sobre suas tradições e costumes. Neste contexto, ele demonstrou algumas armadilhas, as quais aprendeu com seus antepassados e utiliza até hoje para caçar. A primeira, a “quebra pescoço” é feita de madeiras de diferentes tamanhos, umas maiores para fazer impacto e pressão na cabeça do passarinho, e outras menores em forma de meia lua, com um pequeno diâmetro, para que o pombo pousasse e não conseguisse voar, pois o espaço é muito pequeno para ele abrir a asa novamente (FOTOGRAFIA II). A outra armadilha era para pegar tatú, sendo usada com auxílio de um cão. Mariano comentou também que de vez em quando um pajé (líder espiritual indígena) vem de São Francisco do Sul para visitar a aldeia.



Fotografia I: Mural de evangelização do Pastor que visita a Aldeia Pindoty



Fotografia II: Armadilha “quebra pescoço”

Apesar deste aspecto positivo da preservação da cultura, Mariano relatou sua preocupação com as novas gerações, pois elas “só querem ficar assistindo TV (risos) e não se interessam tanto em aprender a fazer armadilhas por exemplo”. Indagado se existe muito abandono de indígenas para ir morar na cidade e “viver como um branco”, o provável futuro cacique lembrou que “eles são livres para saírem da aldeia e irem morar na cidade mais não poderão voltar para morar na aldeia novamente”. A partir desta fala, interpretamos que o ato de “viver como um branco na cidade” é considerado uma traição a cultura e os costumes indígenas por abandonar suas raízes e sua família”.

Na aldeia observamos que os indígenas se comunicam principalmente na língua Guarani Mbya. Mariano falou que as crianças aprendem primeiro a língua nativa em casa com os pais e depois com certa idade vão para a escola aprender o português, e argumentou que “seria muito difícil eles perderem a língua nativa nesse caso”.

Perguntado sobre o principal problema enfrentado pelos indígenas atualmente, ele não teve dúvida ao afirmar que é com relação a marcação de terras que são “roubadas dos índios”, neste caso, referindo-se ao fato de alguns grileiros estarem cercado e ocupando terras indígenas demarcadas (que ficam a poucos quilômetros da aldeia). Indagado se a FUNAI (Fundação

Nacional do Índio) não fazia nada a respeito, Mariano respondeu que eles já foram lá, mas os brancos estão esperando por indenização, pois já estão morando a mais de um ano no local. Ele comentou como é “chato e injusta” essa situação, pois como os índios foram os primeiros habitantes do Brasil, seriam eles os "verdadeiros" donos dessa terra, mas que agora tem que estar lutando por um pedaço de chão para continuar seus costumes e suas culturas. Neste momento, ele refletiu que o “Guarani não quer incomodar os “brancos” mais os “brancos” só querem tomar terras indígenas”.

Durante a conversa notamos que Mariano ficou feliz de nos receber, pois sentiu sua cultura valorizada e expressou seu sentimento: “sabe que não vem muita gente fazer estas perguntas para a gente (...) mas é só marcar antes que atendemos”, e riu com espontaneidade.

Conclusão

A partir dos dados levantado até o presente momento, notamos, contrariando nossa hipótese, que a transmissão da língua nativa nos povos Guarani na região de Araquari/SC não está em risco, pelo menos a curto prazo. Quase a totalidade dos indígenas aprende o *Guarani Mbya* como língua materna e aprendem a língua portuguesa apenas na escola para se comunicarem fora da aldeia. Porém, notamos que a globalização está influenciando de modo agudo na cultura em geral, o que pode contribuir a médio ou longo prazo no risco de transmissão da língua para as próximas gerações caso não sejam efetivadas políticas de valorização da língua *Guarani mbya*.

Até o presente momento, observamos que a globalização atinge diferentes aldeias de distintos modos, e que por mais difícil que seja resistir ao seu avanço, os indígenas continuam lutando para preservar e continuar seus costumes e sua cultura. Com os próximos passos da pesquisa esperamos ter uma ampla visão dos problemas atuais e então, expandir esse conhecimento para mais grupos sociais, desconstruindo estereótipos do senso comum, colaborando assim com a valorização da língua e da cultura dos povos Guarani.

Referências

- LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- ROMERO, Luiz. Línguas em extinção. **Superinteressante**. São Paulo: Abril, Edição 350, Agosto de 2015. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/historia/linguas-em-extincao>>. Acesso em: 10 fev. 2016.